

Uma Viagem aos Interiores

Ana Cristina Colla
LUME

No ano de 1993, o LUME orientou e dirigiu a montagem de formatura dos alunos de Artes Cênicas da UNICAMP, da qual eu fazia parte. Estabelecemos em conjunto, após um período de reflexão, que o tema do espetáculo seriam os "causos" e lendas brasileiros. Surgiu, nesse momento, por parte de Luís Otávio Burnier, coordenador do LUME, a proposta de que cada ator realizasse uma viagem para o interior do Brasil, em busca do povo brasileiro, da lenda viva, ainda não cristalizada em livros.

Deu-se, aí, meu primeiro contato com a Mimesis Corpórea, linha de pesquisa que já vinha sendo desenvolvida pelo LUME nos anos anteriores. A pesquisa consiste na observação, codificação e teatralização das ações físicas cotidianas, cujos resultados já haviam sido aplicados nos espetáculos *"Macário"* e *"Wolzen, um giro desordenado em torno de si mesmo"*.

Minha ligação com a Mimesis Corpórea estende-se até hoje, após cinco anos de pesquisas junto ao LUME. Nesse período realizei viagens de pesquisa, coletando material, para as seguintes cidades: Paranã, (Estado de Tocantins); Pilar de Goiás, Jaraguá, Pirinópolis, (Estado de Goiás); São Gabriel da Cachoeira, Taracua, Yauarete, Santa Izabel do Rio Negro, Barcelos, Novo Airão, Rio Negro, (Estado do Amazonas).

O material resultante dessas viagens foi parcialmente utilizado na montagem dos espetáculos *"Taucoauaa panhé mondo pé"*, *"Contadores de estórias"* e *"Afastem-se vacas que a vida é curta"*.

Descrever os elementos que compõem a Mimesis Corpórea é tarefa bastante extensa, pois cada fase do trabalho nos dá margem a diferentes reflexões. Optei por relatar uma das fases, a primeira, que se refere à pesquisa de campo executada durante as viagens.

Devido ao tema proposto para esse período de trabalho, todas as viagens realizadas foram para o interior do Brasil. Os contatos estabelecidos foram na maior parte com idosos e pessoas cuja experiência de vida e percepção do mundo diferiam completamente da realidade conhecida por mim até então. Descortinava-se à minha frente um Brasil totalmente novo, cuja riqueza corporal, vocal, textual e humana encantou-me profundamente.

O período que antecede a viagem foi dedicado aos preparativos necessários, como definição do roteiro (o roteiro estabelecido previamente serve apenas como base para a partida; é importante estar atento às mudanças de direção que ocorrem no decorrer do caminho, pois normalmente são valiosas e nos trazem novo material), preparação do material de pesquisa (máquina fotográfica, filmes, gravador e material para anotações), bem como compra de medicamentos, sacos de dormir, repelentes, vacinação, entre outros.

Quando a viagem é realizada em conjunto com outros pesquisadores, cada um é responsável por uma função, como o registro fotográfico, as gravações em fita cassete e as anotações das ações físicas e vocais das pessoas observadas. Esse material é de fundamental importância para as pesquisas: é através dele que o ator poderá retomar as ações físicas e vocais observadas no decorrer da viagem, dado o longo período de tempo entre a observação e a retomada desse material em sala de trabalho.

No período de duração da viagem, os sentidos estão em alerta a todo momento: cada andar, cada som ou movimento, lampejos de imagens, tudo é registrado e armazenado num canto da memória. Mais tarde essas pequenas imagens podem vir a se transformar em verdadeiras jóias, no momento da criação. Chega a ser exaustivo, mas torna-se instantâneo esse estado de prontidão que instalamos nesses momentos. É como se o universo em volta adquirisse novas tonalidades e nuances que nos passam despercebidas cotidianamente. Para a sobrevivência do ator-pesquisador, esse estado é de fundamental importância.

Os meios de transporte utilizados para nos locomovermos de um povoado a outro, foram:

- avião (Bandeirantes e Búfalo), cedidos pela Força Aérea Brasileira, no caso de grandes distâncias sem parada;

- barcos tipo recreio ou barcos de rede, que transportam as pessoas que vivem na região amazônica. Leva-se, muitas vezes, vários dias para se deslocar de uma região a outra, devido às grandes distâncias entre os povoados. Rico em material humano, passávamos as horas observando os passageiros à nossa volta;

- voadeiras, espécie de canoa com motor. Percorriamos com elas grandes distâncias; chegam a lugares onde o barco é incapaz de prosseguir. Viaja-se horas sem ter onde encostar ou apoiar, mas com o grande consolo de ter as águas do Rio Negro ao alcance das mãos e o verde da floresta onde a vista alcançar. Tentei abstrair o fato de não saber nadar; às vezes me arriscava a perguntar: "Será que tem perigo de afundar?" e a resposta vinha rápida, tirando o fôlego: "Claro, mas caso a canoa vire, basta você se agarrar ao tanque de gasolina, que bóia", e lá ficava eu me perguntando de que me resolveria ficar boiando na imensidão do Rio Negro, com mata fechada por todos os lados e nenhuma alma viva por perto.

- canoa a remo, quando percorriamos os igarapés a convite de algum índio amigo. Experiência indescritível, como se penetrássemos num portal encantado, com variedades de sons, aromas e cores.

- ônibus, se é que assim podem ser definidos. Claro, só eram utilizados nos momentos de desespero, quando não havia nenhuma outra alternativa. Com pessoas saindo pelas janelas, de todos os tipos e raças. Responsável por momentos de tensão mas, sem dúvida, por outros de muita inspiração.

Na viagem para o Estado de Tocantins, tivemos nosso ônibus confiscado para uma perseguição policial, com todos os passageiros dentro. No final do percurso, ao cruzarmos com o suposto ladrão, o policial descobriu que havia esquecido as algemas e as chaves da cadeia, portanto não seria possível executar a prisão. A última imagem é a do ônibus ultrapassando o ladrão a cavalo e todos os passageiros acenando em cumprimento ao personagem misterioso.

Retornamos das viagens repletos de trabalho e material a ser desenvolvido. Com as malas cheias de presentes recebidos e bugigangas locais, sem contar as redes, cestos, artefatos indígenas, vestidos imensos de palha, material que poderia vir a ser utilizado em futuras montagens de espetáculos. Nesse momento sempre surge a pergunta: "Quando será a volta?" São tantos os amigos e afetos plantados ao longo do caminho; em cada despedida uma imagem, um

sorriso, uma esperança. Tornamo-nos responsáveis por essas pessoas, que depositam sua confiança em nossas mãos, abrindo suas casas e seus corações. Num primeiro momento olham ressabiadas, "quem serão esses jovens cheios de mochilas, roupa engraçada, pele clara, de fala esquisita?". Denominamo-nos, assim, de ETs, tamanha a sensação ao entrarmos na cidade. Passávamos por estrangeiros, vendedores, turistas, médicos, até amigos íntimos do Presidente da República, quando descobriram que Raquel Scotti (atriz-pesquisadora do LUME, minha companheira de viagem) nasceu em Brasília; longa é a lista de reclamações e pedidos de que nos fizeram portadores. E finalmente pesquisadores, palavra gasta em se tratando da região amazônica, onde cada mosquito é avaliado.

Passado o primeiro contato, nos contavam suas vidas nos mínimos detalhes: histórias bizarras, dores, sofrimentos, reclamações da vida e da família. Sempre bebericando aquele cafezinho obrigatório nesses momentos (e eu que detesto café, engolia calada, com sorriso nos lábios, num calor de 40 graus, com medo de fazer desfeita). Sentiam-se plenas com alguém para dividir o fardo de cada dia. Sentávamos e nos colocávamos todo ouvidos e olhos, mas também com o coração aberto para nos deixarmos penetrar. Suas almas nos eram entregues.

Ao chegarmos ao povoado, após as devidas instalações, sempre percorríamos o local em busca de informações, nos dando a conhecer. Logo nos apresentavam todos os idosos da cidade com histórias a contar, onde deveríamos comer, que lugares conhecer. Sempre aparecia um guia, alguém que nos adotava. Eram o que chamávamos de "nossos anjos" e foram muitos ao longo dos dias. Passávamos os dias visitando cada um em suas casas, horas "papeando". O que para muitos pode parecer perda de tempo era para nós a essência, a alma do negócio. Através dessas visitas coletávamos nosso material. A pessoa era observada em seu local de convívio, sem constrangimentos ou fatores que pudessem interferir em seu comportamento natural. Também observávamos pessoas nas ruas, pontos de ônibus, bares, que pudessem nos sugerir novos elementos.

Dessa forma coletamos uma infinidade de ações físicas e vocais, material de registro permanente, num total de 720 fotos e 40 horas de fita gravada contendo "causos" sobre lendas da região amazônica, canções e lendas indígenas, depoimentos e canções do povo ribeirinho. Esse total se refere apenas ao material coletado pela

equipe da qual participei, em viagem ao Rio Negro, sendo ao todo três equipes com material equivalente. Esse material é parte fundamental em nossas pesquisas no presente momento, podendo resultar em diversas combinações. Este acervo se encontra à disposição no LUME, para eventuais consultas.

Registro do Material Coletado: Anotações

Abaixo exemplifico a maneira como as anotações eram realizadas, no momento da observação. Normalmente, quando temos um curto período de tempo para a observação, faz-se necessário que ela seja o mais sucinta possível, sem perder a precisão nos detalhes, fundamentais no momento de imitação posterior. Alguns códigos e pontos-chaves são estabelecidos para maior compreensão, desenvolvidos por cada ator ao longo do seu trabalho.

DUCA, morador da cidade de Barcelos, vive nas ruas ou em casas abandonadas, recebe ajuda dos moradores da cidade, os quais lhe dedicam bastante carinho por ser ele bastante dócil e prestativo. Idade indefinida, corpo bastante maltratado mas com ar infantil, sempre sorridente. Possui uma deficiência física que o faz caminhar apoiado num pedaço de pau, que faz às vezes de muleta. É mudo; se comunica através de alguns sons e gestos.

Faz sim com a cabeça, tremelicando o corpo, esticando e apertando os lábios e olhos, às vezes abre a boca. Puxando e soltando ar pelo nariz, sonoro. Pequeninho, várias vezes faz

- gestos meio descoordenados;
- aponta os lugares; quando aponta, empina o corpo. Lordose;
- aponta também com a cabeça e queixo, grande;
- aponta as pessoas que passam na rua, mão solta, como se apontasse com o punho;
- respira fundo pelo nariz, sobe peito e solta;
- trovão, gesto de dormindo, sacudiu o corpo, balançou os braços, imitando tremor;

- sons êêê;
- faz pose para a foto, ri;
- às vezes solta a coluna, levanta a cabeça, deixa a nuca grudada nas costas;
- mão no queixo, sempre;
- olha quem passa, parado;
- ouve caminhão, olha, acompanha com a cabeça;
- estica pescoço para o lado para tomar sol no rosto;
- coça a cabeça com a mão esquerda na nuca, mão meio boba;
- pernas juntas, mocinha, meio de lado;
- olha para o lado, ri sem porquê;
- longo tempo parado, olhando;
- às vezes, olha só com a cabeça, outras, com o corpo todo;
- tosse rouca, trovão, balança o corpo;
- tenta se levantar, muda a posição do sentar (perna aberta), apoiando com os braços. Sentado de lado na bengala, sobe o corpo pelo quadril, mãos no chão se ajeitando, depois senta de novo em outro lugar. Ações várias, de olhar e empinar o corpo, até que sossega de novo (na posição base da foto, bengala agora cruzando a perna);
- mexe com a moça que passa, sons vários e ações de balançar os dois braços na frente do rosto;
- bravo com o menino que passou, voz grave;
- sobe mão direita, apontando para a esquerda sobre a cabeça, depois deixa deslizar (como se a mão alisasse os cabelos) pela cabeça, atrás.

As anotações prosseguem, mas se tornaria bastante extenso relatá-las na íntegra.

As anotações são executadas de acordo com a ordem cronológica em que foram realizadas as ações, ajudando, assim, a

recompor os fatos, o que não significa necessariamente que no momento da utilização desse material essa lógica deva ser respeitada.

Quando possível, a anotação deve ser realizada simultânea à observação. Do contrário, é necessário que ela seja feita o mais próximo possível desse momento, para que informações importantes não se percam nesse espaço de tempo.

Tivemos, com Duca, um pequeno contato, podendo observá-lo durante algumas horas. Nesse caso, devemos equilibrar o tempo da anotação com a simples observação, para que não se corra o risco de perder algumas ações e o contato se tornar por demais frio e distante, causando constrangimento para a pessoa observada. Também observamos Duca de longe, para testarmos a variação de sua gestualidade em outras situações, sem o contato direto e com outros estímulos do local onde se encontrava, ou mesmo para observá-lo simplesmente num estado de contemplação.

Muitas são as maneiras de estabelecer contato, dependendo da pessoa observada e do tipo de material desejado. Se pretendemos coletar ações de como essa pessoa se relaciona em seu meio natural ou mesmo ouvi-la contando histórias, faz-se necessário o contato direto e se possível permanente, em dias alternados, para que assim se possa observá-la em diferentes situações, enriquecendo a gama de ações observadas. Nesse caso é possível interferir na situação, conduzindo a conversa para determinados temas que possam alterar o estado de ânimo do observado, como por exemplo, remetê-lo a lembranças de infância, ou situações que lhe provoquem riso, raiva, constrangimento. Outra forma é a observação distante, sem contato direto, como nas ruas, nos bares, nos pontos de ônibus ou outros locais, onde a pessoa não se sente observada, livre para ações que não utilizaria normalmente em um contato direto.

Registro Fotográfico

Material imprescindível, principalmente nos casos em que a observação foi realizada em um único contato. Fundamental na elaboração do material, pois registra precisamente posturas físicas e situações observadas.

Podem ser realizadas com o consentimento da pessoa, que normalmente sente muito prazer em estar sendo fotografada. É muito comum toda a família se preparar para esse momento, penteando os cabelos, trocando as roupas das crianças, fazendo poses. Quando possível, costumamos enviar cópias das fotos para aqueles que nos pedem; são guardadas como preciosidades. O único empecilho, nesses casos, é que as fotos são posadas, não registrando o momento em seu estado puro. Por esse motivo, tentamos, sempre que possível, após estabelecido o contato, fotografar ao “acaso”, sem que a pessoa tenha tempo de se preparar previamente. O mesmo acontece quando fotografamos à distância, sem contato estabelecido.

Ao contrário das imitações, o material fotográfico pode ser utilizado por outros pesquisadores, mesmo os que não estavam presentes no momento registrado. Ao deixar impresso precisamente as posturas físicas, máscaras faciais, entre outros, elas tornam-se passível de ser reproduzido por outro ator que queira se utilizar desse material, cabendo a ele imprimir o “recheio”, ou seja, o que dá vida a essa foto. A liberdade de manipulação é muito extensa, cabendo ao pesquisador explorá-lo em toda sua extensão, preenchendo com os elementos que compõem sua pesquisa pessoal.

Registro Sonoro

Normalmente realizado com um pequeno gravador, que deve ser utilizado de maneira discreta, para não ser motivo de constrangimento para o observado.

Na maioria das vezes, a gravação é realizada com o consentimento da pessoa, que após alguns minutos se esquece do fato e passa a agir normalmente. Em alguns casos, quando se trata de alguma criança ou idoso, que não entenderia do que se trata, a gravação é realizada sem o seu consentimento.

Ao longo desse período de pesquisa, alguns casos curiosos aconteceram. O primeiro deles ocorreu em Paranã, Estado de Tocantins, quando da pesquisa de campo para o espetáculo *Taucoauaa panhé mondo pé*, realizada em 1993. Estávamos visitando o Sr. Pedro da Costa. Já havíamos gravado algumas canções, que ele cantava com todo orgulho, quando veio a pergunta: “E dá pra ouvir,

assim, na hora?”. Respondemos que sim e que nos desculpasse pelos chiados da gravação, pois o gravador não era muito bom. Ele, por sua vez, com toda sua doçura e ingenuidade respondeu: “É, tamém o dia hoje tá meio nublado, num tá muito bão pressas coisas, né?!” A partir desse momento, a cada canção ou história contada, tínhamos que voltar a fita para que ele pudesse ouvir, com os olhos brilhando, a própria voz no gravador.

Outro caso foi com o Sr. Renato Torto, que em nossa primeira visita, ao se dar conta do gravador passou a falar ininterruptamente, relatando um "causo" após o outro. Alguns meses depois, quando retornamos nos recebeu com a pergunta: “Cadê o gravador?”. Quando respondemos que dessa vez não o havíamos trazido, perdeu todo interesse por nós, não falando mais nenhuma palavra e nos deixando entregues aos cuidados de sua mulher.

Relatei esses dois casos, no sentido de ressaltar que em nenhum momento o material de registro, como fotos, gravações e anotações, são realizados de forma ofensiva, que possa vir a incomodar ou agredir a pessoa observada. Desde o momento em que o contato se estabelece, a preocupação primeira, além da coleta de material, é o profundo respeito e carinho que dedicamos a essa pessoa. Temos sempre a preocupação de retribuir o muito que estamos recebendo.

Normalmente são pessoas profundamente carentes de contato humano, principalmente quando se trata de pessoas idosas, já relegadas pela própria família. Embora esse não seja o objetivo primeiro da pesquisa, é inegável o bem que fazemos a essas pessoas, dando-lhes atenção e tornando-as protagonistas de suas histórias. É sempre com muita emoção que nos despedimos para um novo contato.

Como no caso da fotografia, as gravações também podem ser utilizadas por outros pesquisadores, pois contêm todas as informações necessárias para a imitação das ações vocais.

Nunca realizei, em minhas pesquisas de campo, o uso de filmadora como forma de registro, por acreditar ser ela um obstáculo entre o momento observado e a minha pessoa, como um filtro que me impedisse de ver e viver a situação em sua forma real. Até o presente momento, não houve necessidade desse tipo de registro, sendo as formas já citadas suficientes para a reprodução das ações observadas;

o que não impede que uma experiência posterior seja feita nesse sentido.

Outra forma de tentar reter a situação o mais globalmente possível, ampliando as possibilidades, é a coleta de objetos pertencentes à pessoa, que muitas vezes nos são ofertados como lembrança. Quando isso não ocorre, tentamos adquirir objetos próprios da cultura local. No caso da viagem para o Amazonas, os pesquisadores coletaram, cada um em sua região de pesquisa, cestos e redes de materiais diversos, roupas e adereços utilizados em festas locais, instrumentos musicais, bancos de diversos tamanhos, artesanato indígena, entre outros.

As anotações pessoais, juntamente com o material fotográfico e sonoro e, é claro, a memória do momento, vem a formar o conjunto fundamental para o momento posterior de retomada e elaboração do material coletado.

Transcrevo, aqui, alguns trechos de diálogos gravados durante as viagens, pensamentos que refletem um pouco da vida dessas pessoas.

DONA MAROQUINHA (NOVO AIRÃO - AMAZONAS)

"Pra esfregá e tumá banho lá no porto. A folha de alho, sete, e a folha de mucuracá e folha de araticumum, sete, todos sete. A gente esfrega, larra bem, esfrega, leva pro poto, toma banho, joga onde tá pro danado do boto. Mandava rezá, rezá em mim, pra podê mi guardá. Quando cai alguma coisa fica assim. Cai abacate em cima da casa fico assim. Oh meu Deus, que qu'eu faço, sozinha e Deus. Lá eu vi o menino atrás da minha porta assim, se escondeu, eu vi, eu vi maninha. Eu digo acuda, porque eu não fico em casa. Por que qu'eu choro? Eu choro fico triste, eu fico. Assim eu choro. Aí me chama Maria Chorona. Lá vai Maria Chorona." (sic)

DONA MARIA (JARAGUÁ - GOIÁS)

"O mundo vai acabá e nós ainda temo que vivê muita coisa, nós inda num viu nada. Graças a Deus, nós inda num viu nada. Porque no fim do mundo vai vim o Cristo e o Anti-Cristo. O Cristo veio curano aquelas doença

infadível, aquelas doença braba. E o Anti-Cristo veio fazê ruindade. O Anti-Cristo é o Saci-Pererê. Ele faz as mardade, faz o moço largá da moça, a moça tomá um veneno se o moço num qué casá cu'ela. Tudo o Saci-Pererê. Tem que pedi a Deusí pr'eli nunca atentá." (sic)

DONA CARMEM (BARCELOS - AMAZONAS)

"Meu marido primero, quando era moça, um sargento de Belém. Era des de Belém, quando era moça. Meu marido, era sargento. É. Nome dele é Tequerino. Eu fui pra festa, dancei, dancei cu'ele, cumé agradô, pedido da mia mãe, aí, me amasiô cu'ele. É, gostei dele, ele gostô de mim. Eu num queria, tem medo; naquele tempo num falava português, só língua geral, ele que me ensinô. Português. Ele gosta de mim, até que foi embora, aí, me ensinô.

Quinze anos, aí ele foi embora. Num me largô não, queria me levá mas eu fiquei com pena, minha mãe chora muito. 'Leva sua mãe, cabocla, minha caboclinha, leva sua mãe; eu sô sargento, tem muito dinheiro pa dá.' Digo, minha mãe queria í, meu irmãozinho caçula num quis í, aí eu fiquei." (sic)

SEU RENATO TORTO (JARAGUÁ - GOIÁS)

"Escuta aqui, ocêis num se interessa por oração de pará sangue não? Pois para na hora. Ó porqué qu'eu mandei pará esse daqui (mostrando a mão enfaixada), o sangue tava espirrano com daqui até ali, pois eu botei o dedo em cima e falei as palavra: pare, chegô, parô. Pois parô na hora, num ficô nem cicatriz nem nada, pode dá uma olhadinha aqui.

O negócio é muito fácil, é só ocêis pedi prá Virge Maria, mãe de Jesus, e rogá o poder do Espírito Santo, divino nosso Salvador. Que é só o Espírito Santo que cura mémo, ocê sabe cumé qui é o negócio, né.

Por que vai que ocêis um dia, numa cidade estranha, co povo herege que num crê, que num tem assim aquelas coisa cum Deus e oceis aí por dores, uma dor de dente, uma dor de barriga, é home, é muié, quarqué um, é só ocê botá o dedo em cima e falá as palavra que pára na hora.

Eu vô ensina pr'ocêis: eu ia caminhando pela estrada e encontrei Nossa Senhora de Santa Eria, Santa Eria é irmã da Virge Maria. Eu ia indo pela estrada e encontrei Nossa Senhora de Santa Eria sentada na gruta Pedra Fria e porcurei o que estava fazendo e ela me arrespondeu, tô benzeno e arretirano a dor dessa pessoa e ocê fala o nome da pessoa e reza três Ave Maria. Isso aqui é benzimento de dor, quarqué dor." (sic)

Ao retornarmos das viagens, normalmente nos correspondemos com nossos "novos amigos", enviando-lhes fotos e notícias. Às vezes a comunicação torna-se difícil devido às distâncias e à localização de algumas moradias, como no caso de Dona Maroquinha, cujo endereço no envelope era: casinha verde de madeira ao lado da igreja.

Quando as respostas chegam ficamos exultantes. Nem todos sabem escrever, daí serem raras as respostas. No dia 15 de março de 1998, Sr. Marcelino nos escreveu:

"Ilmas. Inras. Dnas: Cristina, Raquel e Jesser.

Com grande contentamento e alegria, estou escrevendo esta carta desejando-lhes muita paz, entusiasmo e progresso no trabalho que estão fazendo coberta com as bênçãos de Deus e de Maria S. Com essa intenção estou agradecendo esses carinhos de vocês, que Deus os abençoe. Vou deixar no pensamento de vocês, que, o Ilmo Brigadeiro chegou aqui, ele contratou vários trabalhadores, para roçarem terrenos, isto é 3 terrenos, num terreno que segue o rumo do centro. 20 homens na estrada, uma Curupira, altura 3 metros de altura, e os pés, comprimento 2 palmos, dizem quem ou alguém fotografou. Outra conversa, Garimpeiros, baixo de nossa cidade, que estavam mergulhando o Ouro, no Rio Negro, encontraram no lago, uma cobra grande, mas grande mesmo: - Dizem que esse lago fundo 40 metros, viram também uma imagem de Nossa Senhora, porém ninguém tem coragem de retirar para terra, em fim.

Minha Senhora deve ser mentira!!! Porque eu ia tirar a mãe do lago, para terra. Uma semana depois a Cobra grande saio, isto é saió porém, querendo passar entre dois paus, a cabeça passou, porém o corpo não; aí conforme falatório o corpo da Cobra Grande, virou pasto dos vermes.[...]" (sic)